

São Paulo, 19 de abril de 2010

Aniversário da eleição para a Cátedra de Pedro de

S.S. o Papa Bento XVI

A Igreja é imaculada e indefectível

Após cada campanha de ataques contra ela, a Igreja sempre aparece mais forte e esplendorosa do que antes

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

A saraivada de notícias que, nas últimas semanas, tenta macular a Igreja Católica, tomando por motivo abusos de crianças cometidos por parte de sacerdotes católicos, atinge um clímax inacreditável. Decididos a não deixar morrer a fogueira que acenderam, vários órgãos de comunicação social têm se dedicado a investigar o passado, à procura de novas alegações que envolvam o Vigário de Cristo na Terra, o Papa Bento XVI, no que, aliás, têm falhado rotundamente.

Que haja padres despreparados e indignos, ninguém o pode negar; que abusos horríveis foram cometidos, e certamente até em número superior ao registrado, é preciso reconhecer. Mas utilizar falhas gravíssimas, mas circunstanciais, relativas a uma minoria de clérigos, para enxovalhar toda a classe sacerdotal é uma injustiça. E usar isso como pretexto para tentar derrubar a Igreja é diabólico.

Aliás, quanto mais o espírito libertário, relativista e neopagão de nossa época se infiltra na Igreja, tanto mais é de temer que aconteçam crimes de pedofilia. Daí mesmo a necessidade de implantar nos seminários um sistema rigoroso de seleção, de modo a só admitir como candidato ao sacerdócio quem não tenha a propensão de pactuar com o mundo, mas queira ensinar a prática da doutrina católica em toda a sua pureza e dar o exemplo.

A atual campanha publicitária contra a Igreja faz-nos esquecer uma verdade da qual a história nos dá um inequívoco testemunho: foi a Igreja Católica que livrou o mundo da imoralidade, e é porque está rejeitando a Igreja que o mundo tem afundado novamente no lodo do qual foi resgatado.

O mundo do paganismo era um inferno

A maioria da população do Ocidente dá por certo que o mundo, em grau maior ou menor, sempre cultivou os valores aos quais estamos acostumados. Esses valores, sacrossantos até cerca de 50 anos atrás, em certa medida ainda resistem à decadência acelerada deste início de milênio:

família tradicional, proteção da inocência infantil, senso do pudor, modos educados, trajes decentes, honorabilidade, respeito mútuo, espírito de caridade, dignidade humana, solidariedade, etc.

Mas não foi sempre assim. Antes de Nosso Senhor Jesus Cristo pregar entre os homens a Boa Nova do Evangelho, o mundo estava mergulhado numa prolongada e terrível noite, em que reinavam a devassidão moral, o egoísmo, a crueldade, a desumanidade e a opressão, conforme a história nos ensina¹.

Dessa situação não se pode concluir que todos os romanos, gregos e “bárbaros” fossem devassos. Havia minorias inconformes com aquela situação e preparadas para receber a pregação evangélica com a avidéz de náufragos que encontram a tábua de salvação. Daí a rápida expansão da Igreja Católica pelo mundo romano e, finalmente, a conversão do Império no ano 313 da era cristã.

Religiões degradantes

Tudo quanto a parte sã da opinião pública do Ocidente ainda olha com horror hoje em dia, era, no mundo dominado pelo paganismo, moeda corrente e normal. Basta-nos recordar o que a mitologia greco-romana diz a respeito dos vários deuses de seu panteão.

Formavam eles um temível bando de depravados: adúlteros, violentos, impudentes, mentirosos, ladrões, opressores, assassinos, parricidas, matricidas, fratricidas, cruéis, egoístas, traidores, preguiçosos, falsos, desonrados, incestuosos, fornicadores, perversos e *pedófilos*. Zeus (o Júpiter dos romanos), a divindade máxima desse covil, era não só um brutamontes, que praticara canibalismo devorando uma de suas filhas e assassinara outros parentes próximos, mas também um adúltero incontrolável, que fizera muitas vítimas entre “deusas” casadas e solteiras, violentara suas irmãs e noras, estuprara sua própria filha e até sua mãe e que, além disso, mantinha como amante um menino que raptara².

Os relatos dessas infâmias estavam nos textos apresentados às crianças nas escolas daquele tempo, para instruí-las na gramática, na retórica, na poesia, como assinalaram em sua época os apologistas cristãos.

A religião pagã exercia, pois, um maléfico domínio sobre a sociedade, propondo, como exemplos a serem imitados, as iniquidades dos deuses. De outro lado, a sociedade influenciava a religião, de modo que os mitos refletiam os costumes então em voga.

Imoralidade, crueldade, opressão

Naquele ambiente pagão, a situação da mulher era terrível. Em geral quase sem direitos, ela era praticamente considerada como uma escrava do marido, isso quando tinha o privilégio de ser casada.

1 É preciso excetuar o povo judeu. Entretanto, mesmo algumas práticas do Povo Eleito foram, por Nosso Senhor Jesus Cristo suavizadas, ou posteriormente modificadas.

2 Cf. por ex. ARISTIDES, *Apologeticum* (escrito entre 123 e 127 d.C.); JUSTINUS, *Apologia Prima* (entre 153 e 155 d.C.); ARNOBIUS, *Disputationum Adversus Gentes* (entre 304 e 312 d.C.).

As próprias religiões, mesmo as mais elevadas, conduziam as mulheres — como, naturalmente, também os homens — a grandes depravações. A dos caldeus, por exemplo, era sinistra e corruptora, com práticas lúbricas nos templos. A religião fenícia também estimulava a degradação da mulher.

Heródoto é um dos que nos fornece informações sobre a “prostituição sagrada” praticada nos templos da Babilônia, Assíria, Grécia, Síria, Chipre e em outros lugares³. Com frequência, as “sacerdotisas” ingressavam nos templos quando muito jovens, entregues pelos próprios pais. O famoso “Código de Hamurábi”, promulgado por este rei de Babilônia (cerca de 1793 a 1750 a.C.), reserva alguns tópicos para regulamentar essa prática⁴.

O culto de Cibele e Átis, surgido na Frígia, de onde passou para a Grécia e Roma, levava a práticas escabrosas em público. Como Átis se mutilara, perdendo sua masculinidade, seus festejos incluíam a automutilação de muitos homens, realizada em meio de uma multidão que, alucinada, dançava e uivava, enquanto se executava uma música, com o ensurdecido ruído das flautas, címbalos e tambores⁵.

A Grécia contava com numerosos templos dedicados a Vênus, mas nenhum consagrado ao amor legítimo entre esposos. Em Atenas e outras cidades realizava-se, uma vez por ano, uma procissão na qual era levada uma enorme escultura fálica. Homens e mulheres percorriam as ruas cantando, pulando e dançando em torno desse ídolo.

Opressão da mulher

A honorabilidade feminina era ainda ferida pelo costume da poligamia, generalizado em muitas regiões, embora houvesse locais onde vigorava a poliandria⁶. Igualmente degradante era o incesto, especialmente comum na Pérsia⁷, mas também na Grécia⁸.

Na Índia, dentre as cruéis práticas milenares do paganismo, o costume exigia que a viúva fosse queimada junto com o cadáver do marido⁹.

O Código de Hamurábi está repleto de normas que espelham o estado de opressão da mulher nas civilizações antigas, a qual muitas vezes era punida com a morte, a escravidão ou o repúdio¹⁰.

Mesmo em Roma e na Grécia, as leis antigas eram iníquas com relação à mulher¹¹, e até pes-

3 HERODOTUS. Book 1, “Clio”, n. 181; n. 199. In Kitson, J., *Herodotus Website*, www.herodotus-website.co.uk, 2003.

4 *The Code of Hammurabi, King of Babylon, About 2250 BCE*, tradução para o inglês por Robert Francis Harper, Chicago, University of Chicago Press, 1904, nº 181, 182.

5 MARTINDALE, C. “A religião dos romanos”, in *Christus – História das religiões*. São Paulo, Saraiva, 1956, v. II, p. 560-561.

6 PSEUDO-CLEMENTE. *The Recognitions*, c. 24.

7 *Ibid.*, c. 27.

8 COULANGES, Fustel de. *La Cité Antique*. Paris: Flammarion, 1984. p. 78, 81, 82.

9 PSEUDO-CLEMENTE, *op. cit.*, c. 25.

10 *The Code of Hammurabi, op. cit.*, n. 110, 132, 141, 143.

11 COULANGES, *op. cit.*, p. 78.

soas como o austero Catão favoreciam graves injustiças a esse propósito¹². No caso de Atenas, para obviar de algum modo a parcialidade no tratamento dado às filhas, a lei incorria em uma aberração ainda maior, ao incentivar o incesto para resolver problemas de herança¹³, chegando a impor a destruição de dois lares já constituídos, se preciso fosse¹⁴.

Em Roma, na época em que a Boa Nova de Jesus Cristo já estava sendo pregada, a instituição da família encontrava-se em profunda crise. O aborto e o abandono das crianças assumiam proporções espantosas. A natalidade decrescia. Os homens ricos preferiam manter-se solteiros e cercar-se de inúmeras escravas, a se sujeitar aos incômodos do casamento¹⁵.

A situação das crianças ante o Estado todo-poderoso

Na Grécia e em Roma não havia a liberdade individual que seus admiradores fazem acreditar: o cidadão vivia em função do Estado. Em sua *República*, o próprio Platão preconizava um Estado todo-poderoso, e mesmo Aristóteles o considerava como ideal supremo¹⁶.

A família greco-romana também era totalitária sob certos aspectos. Assim, o Direito Romano dava um poder ditatorial ao *pater familias*¹⁷. Na Grécia vigoravam leis semelhantes. O pai tinha o direito de rejeitar seu filho recém-nascido, ou vendê-lo como escravo¹⁸. Também podia condenar à pena de morte a esposa, um filho, uma filha, ou qualquer outro morador de sua casa, executando-se sem demora a sentença; as autoridades do Estado não interferiam¹⁹.

Em Esparta, comenta Coulanges, “o Estado tinha o direito de não tolerar que seus cidadãos fossem disformes ou mal constituídos. Por isso ele ordenava ao pai ao qual nascesse um filho nessa situação, que o fizesse morrer”²⁰. Segundo o mesmo autor, essa lei se encontrava igualmente nos antigos códigos de Roma. Até Aristóteles e Platão incluíram, em suas propostas de legislação, essa prática.

Em Cartago e na Fenícia, crianças eram oferecidas em sacrifício aos ídolos; em Roma e na Grécia eram elas utilizadas em ritos de adivinhação²¹. Em vários lugares, crianças e adolescentes podiam ser punidos com a morte por um delito cometido pelo pai²².

12 *Ibid.*, p. 81.

13 *Ibid.*, p. 81-82.

14 *Ibid.*, p. 82.

15 DANIEL-ROPS, [Henri Pétiot]. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo, Quadrante, 1988. p. 126-130

16 KOLOGRIVOF, Ivan (dir). *Ensaio de suma católica contra os sem-Deus*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. p. 380-381.

17 JOLOWICZ, Herbert Felix; NICHOLAS, Barry. *Historical introduction to the study of Roman Law*. London: Syndics of the Cambridge University Press, 1972, p. 119; COULANGES, *op. cit.* p. 99.

18 JOLOWICZ, NICHOLAS, *op. cit.*, p. 114; COULANGES, *op. cit.*, p. 100-101. Ver tb. *The Code of Hammurabi, op. cit.*, n. 117.

19 JOLOWICZ, NICHOLAS, *op. cit.*, p. 119; COULANGES, *op. cit.*, p. 102.

20 COULANGES, *op. cit.*, p. 266.

21 JUSTINUS, *Apologia Prima*, c. 18: PG 6, 370.

22 DANIEL-ROPS, *op. cit.*, p. 162; *The Code of Hammurabi, op. cit.*, n. 210, 230.

O Estado, ao mesmo tempo em que dava ao pai um poder ilimitado dentro de casa, cerceava-o tiranicamente na educação dos filhos. Entre os gregos, o Estado era o mestre absoluto da educação, e Platão o justifica, pois, diz ele, “os pais não devem ter a liberdade de enviar ou de não enviar seus filhos aos mestres que a cidade escolher, porque as crianças são menos de seus pais do que da cidade”²³. O Estado considerava como pertencente a si o corpo e a alma de cada cidadão, e assumia a criança quando esta completasse 7 anos de idade²⁴.

Impiedosa e difundida escravidão

A escravidão era uma instituição tão corrente no mundo antigo que os escravos costumavam constituir a maioria da população. Em Roma, no tempo de Augusto, mais de um terço da população era constituído por eles²⁵.

O dono de um escravo tinha sobre ele direito completo. Um escravo não era um homem propriamente dito; era uma coisa, *res Mancipi*²⁶. O dono tinha não só o direito de coabitar com a mulher do escravo sem cometer adultério, mas também de dispor dos filhos dele, e se o ferisse ou matasse, não cometia delito²⁷.

Na lei romana havia incisos relativos aos escravos que davam ocasião a grandes crueldades. No tempo de Nero, por exemplo, um alto magistrado foi assassinado por um dos seus escravos. “O Senado, após longa discussão, decidiu aplicar a todos os servos da casa a velha lei que condenava ao suplício da cruz todos os escravos que não tivessem sabido proteger seu senhor. Diante dessa sentença terrível, houve tais protestos populares que os 400 condenados tiveram de ser executados sob a guarda do exército”²⁸.

Sempre houve um ou outro proprietário de escravos que os tratava com humanidade ou — mais raramente — com respeito, mas seria grande ingenuidade pensar ser essa a atitude habitual.

Selvageria sangrenta

Na Antiguidade os morticínios eram vistos com indiferença, como um acontecimento natural na vida dos povos. O massacre da população de uma cidade não causava a menor surpresa, nem indignação.

A tendência para sacrifícios sangrentos estava ligada a vários ritos do paganismo. Na Grécia a velha religião considerava conveniente oferecer holocaustos humanos para o apaziguamento dos deuses. Esses sacrifícios, comuns entre os gregos das épocas remotas, abrandaram-se mais tarde,

23 COULANGES, *op. cit.*, p. 267.

24 COULANGES, *Ibid.*; MARROU, Henri Irénée. *A history of education in antiquity*. Madison: University of Wisconsin Press, 1982, p. 20, 23, 31.

25 DANIEL-ROPS, *op. cit.*, p. 128.

26 JOLOWICZ, NICHOLAS, *op. cit.*, p. 133-138, 277.

27 WEISS, Juan-Bautista. *Historia Universal*. V. 3. Barcelona: Tipografia La Educación, 1928, p. 390-391.

28 DANIEL-ROPS, *op. cit.*, p. 132.

mas não desapareceram completamente. No século II da Era Cristã ainda se sacrificavam vidas humanas na Arcádia, em honra a Zeus Liceu²⁹.

Em Roma, o espetáculo mais apreciado pelo povo era o de homens morrendo, e as lutas de gladiadores constituíam ocasiões para impiedosos morticínios. “Pela manhã, diz Sêneca, jogam-se homens aos leões e ursos; depois do meio-dia, são jogados [ao arbítrio] dos espectadores. O fim para todos os lutadores há de ser a morte, e põem-se mãos à obra com ferro e fogo, até que a arena fique vazia”³⁰. Nessas “sessões” iniciadas ao meio-dia, os condenados à morte deviam se executar mutuamente até o último. Tanto esse costume como a refeição das feras com carne humana nos ajudam a “compreender essa volúpia de ferocidade a que os romanos darão vazão nas perseguições anticristãs”, observa Daniel-Rops, e conclui: “Por muito revoltantes que nos pareçam, essas cenas, de que também os cristãos serão vítimas, eram normais em Roma. E raros, muito raros, eram os assistentes que exteriorizavam a sua desaprovação”³¹.

Panem et circenses ficou conhecida como a fórmula ideal para manter a multidão aquietada, atendendo-se também ao seu crescente gosto pelo sangue. Foi, igualmente, uma das causas da deterioração de Roma.

A chaga da pedofilia

Aquilo que a imprensa de hoje denomina de pedofilia era largamente praticado no mundo antigo, ao amparo da lei, por influência das religiões pagãs.

Na Grécia, ocorria como prática legal a corrupção sexual de meninos, mais propriamente chamada de pederastia³². Todo homem adulto que não fosse escravo tinha o direito de praticá-la. Tal era o costume também na Pérsia e em outros lugares, onde se mantém através dos séculos. Roma acabou sendo contaminada pelo mal grego, a ponto de vários imperadores procurarem por amantes adolescentes³³.

Meninos considerados belos, se fossem feitos prisioneiros de guerra, ou raptados, ou vendidos pelos pais, eram mutilados a fim de alimentar todo um tráfico de eunucos³⁴. Não escapavam nem mesmo os filhos da nobreza³⁵.

Na Grécia — Atenas, especialmente —, as vítimas da pederastia não eram apenas os *prisioneiros de guerra, os raptados e os escravos*. Qualquer menino podia se tornar alvo dos desejos infames de homens adultos. E o costume era que cedesse. Se um pai, dotado de um resto de sensibilidade moral, desejasse poupar essa tragédia aos filhos, tinha de agir antes de ela acontecer,

29 HUBY, J., “A religião dos gregos”, in *Christus – História das Religiões*. São Paulo, Saraiva, 1956, vol. II, p. 514.

30 WEISS, *op. cit.*, p. 658-659.

31 DANIEL-ROPS, *op. cit.*, p. 162.

32 DEMAUSE, Lloyd. *Foundations of Psychohistory*. New York: Creative Roots, 1982, p 50-53. Conforme mostra o autor, Roma não ficou livre desse problema.

33 É o caso por ex. de Adriano, cujo apego doentio por um menino é romanceado por Marguerite Yourcenar em “Mémoires d’Hadrien”.

34 HERODOTUS, *op. cit.* Book 3, “Thalia”, n. 92; Book 8, “Urania”, n. 105.

35 *Ibid.*, Book 3, “Thalia”, n. 48; Book 6, “Erato”, n. 32.

empregando escravos que, como falcões, vigiassem os meninos³⁶. Mas, diz Ésquines, muitos pais desejavam ter belos filhos, sabendo que estes se tornariam alvo de predadores³⁷.

As escolas — as tão elogiadas Academias — eram locais onde os estudantes, de até 12 anos de idade ou mesmo mais jovens³⁸, ficavam à mercê dos mestres³⁹. As leis atenienses chegavam ao absurdo de proteger e incentivar essa prática, inclusive regulando o flerte e o “namoro” entre homens e meninos⁴⁰.

Gregos famosos no mundo da literatura, das artes, da filosofia e da política, praticaram e louvaram a pederastia, como Sólon, Ésquilo, Sófocles, Xenofonte, Tucídides, Ésquines e Aristófanos⁴¹.

A filosofia grega chegou a debater essa prática, sem nunca condená-la por completo. Mesmo Sócrates, Platão e Aristóteles não ficaram isentos desse mal⁴². Em *Carmides*, Platão se refere ao adolescente que portava esse nome, como se fosse um enamorado louvando sua amada, falando de suas atrações e das emoções que produzia. No *Simposium*, o personagem Fedro se enche de lirismo ao descrever um exército feliz e exitoso inteiramente composto de homens-amantes e meninos-amados⁴³. Contudo, finalmente atraído por ideias mais elevadas, Platão evoluiu de sua aprovação condicional da pederastia nos seus primeiros diálogos para a condenação formal desse vício no seu trabalho final, *Leis*. Entretanto, suas tentativas, como as de alguns estoicos, de propor uma pederastia “casta” foram recebidas com sarcasmo pelo povo e ficaram sem resultado. Com efeito, o “amor platônico” é muito difícil de ser praticado, pois em matéria de castidade o homem não consegue ficar permanentemente no meio termo⁴⁴.

Os gregos chegaram a considerar o relacionamento natural entre homem e mulher como inferior ao relacionamento entre homem e menino. Numa sociedade na qual esse tipo de comportamento influenciava até o ideal do Estado, a mulher tinha de ser desprezada⁴⁵, relegada ao papel de mera reprodutora.

Uma obra histórico-filosófica como *Erotes*, do século II ou III d.C., por muitos atribuída a Luciano de Samósata, traz um diálogo entre dois gregos que discutem seriamente qual amor seria superior... Igualmente, no décimo *Diálogo das Cortesãs*, Luciano aborda esse tema. Plutarco, em *Erotikos*, analisa, com toda a seriedade, qual a atração — por mulheres ou por meninos — é a mais interessante para um homem adulto. Felizmente, ao contrário de *Erotes*, conclui que o ideal é realmente o casamento monogâmico.

36 AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. *Foucault and The Iranian Revolution*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005. p. 148.

37 WOHL, Victoria. *Love Among The Ruins: The Erotics of Democracy in Classical Athens*. Princeton: Princeton University Press, 2002, p. 6.

38 DEMAUSE, *op. cit.*, p 51. O autor cita Plutarco, que se refere à existência do mesmo mal também em Roma.

39 WOHL, *op. cit.*, p. 150; AFARY, ANDERSON, *op. cit.*, p. 148; MARROU, *op. cit.*, p. 26-37.

40 WOHL, *op. cit.*, p. 226; AFARY, ANDERSON, *op. cit.*, p. 148-149; MARROU, *op. cit.*, p. 31.

41 WOHL, *op. cit.*, p. 87, 226 *et passim*; AFARY, ANDERSON, *op. cit.*, p. 4, 148. MARROU (*op. cit.*, p. 366), elogia o silêncio de Homero sobre a pederastia, o que constitui uma exceção honrosa entre os escritores de então. Ao que parece, ele “decidiu ignorar uma bem conhecida instituição de sua época”.

42 MARROU, *op. cit.*, p. 33.

43 WOHL, *op. cit.*, p. 4.

44 MARROU, *op. cit.*, p. 366.

45 WOHL, *op. cit.*, p. 8, 48; AFARY, ANDERSON, *op. cit.*, p. 144, 145, 150, 151.

Em Roma, também as meninas podiam ser vítimas de abuso sexual. É o que se deduz das palavras de São Justino, em sua *Apologia*, nas quais vitupera o costume de crianças rejeitadas — meninos e meninas — serem criadas para a prostituição: “E assim como os antigos criavam rebanhos de bois, bodes, carneiros ou cavalos, assim vós agora criais crianças destinadas a esse vergonhoso uso; e para esse uso impuro, uma multidão de mulheres e hermafroditas, e aqueles que cometem iniquidades que nem podem ser mencionadas, se espalham por toda a nação. [...] E há aqueles que prostituem até mesmo seus próprios filhos e mulheres; alguns são abertamente mutilados para serem usados na sodomia”⁴⁶.

*

Esse é o mundo quando nele não está presente a santa Igreja de Deus. O quadro aqui apresentado, embora não esteja completo, é suficientemente trágico para expor as mazelas da Antiguidade pagã e nos dar uma ideia do choque ocorrido no tempo em que a mensagem do Evangelho começou a exaltar valores opostos, ordenados e santos.

O choque dos valores do Evangelho com os contravalores mundanos

A mensagem de Jesus Cristo veio desequilibrar o carcomido mundo antigo. Ela censurava a libertinagem e a crueldade, e exaltava a liberdade para praticar o bem, a castidade, a virgindade, a inocência, a fidelidade conjugal, o amor aos inimigos, a caridade, a abnegação, a bondade para com os mais fracos, a dignidade de todos os seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus.

Um horror especial ao pecado da pedofilia foi instilado nas almas por nosso Divino Mestre, com palavras de uma extrema severidade: “Se alguém fizer cair em pecado um destes pequenos que creem em mim, melhor fora que lhe atassem ao pescoço a mó de um moinho e o lançassem no fundo do mar” (Mt 18,6).

Ante a sublimidade do Evangelho, o paganismo não conseguiria ficar indiferente. Só lhe restavam duas reações: ou encantar-se e submeter-se ao suave jugo de Deus, ou odiar e perseguir. Não poucos se converteram. Muitos, porém, aferraram-se ao lodo, e seu ódio levou ao martírio milhões de cristãos.

Todavia, o sangue dos mártires começou a ser semente de novos cristãos, segundo a célebre afirmação de Tertuliano⁴⁷. O espetáculo de homens e mulheres, idosos e idosas, adultos no auge da saúde, jovens vigorosos, virgens, crianças — todos confessando a fé em Jesus Cristo e caminhando resolutos em direção à morte —, arrancava admiração de muitos espectadores, acarretando conversões cada vez mais numerosas.

O paganismo necessitou, pois, lançar mão de outra arma, para tentar reverter o jogo: a difamação e a calúnia. Como observam os Apologistas cristãos daqueles primeiros séculos, os pagãos passaram a acusar os cristãos exatamente dos delitos que o paganismo cometia.

46 JUSTINUS, *op. cit.*, 27: PG 6, 370. Ver tb. DEMAUSE, *op. cit.*, p. 52-53.

47 *Apologia*, 50,13.

É digno de nota que uma das acusações *era a da pedofilia, agravada com incesto*⁴⁸. São Justino comenta: “As coisas que vós fazeis abertamente e com aplauso, [...] dessas mesmas coisas vós nos acusais”⁴⁹. E Arnóbio lança ao rosto dos pagãos: “Quão vergonhoso, quão petulante é censurar, em outro, aquilo que o acusador vê que ele mesmo pratica — aproveitar a ocasião para ultrajar e acusar outros de coisas que podem ser retorquidas contra ele mesmo!”⁵⁰.

Ou seja, aqueles pagãos faziam como o ladrão que, ao roubar, grita: “Pega ladrão!”

Uma civilização governada pelo Evangelho

A Igreja Católica acabou por vencer, em virtude da força intrínseca do bem. E aos poucos, auxiliada pela graça divina que nunca falha, ela tomou os greco-latinos decadentes e os bárbaros germanos, converteu-os, educou-os e inspirou a edificação de uma brilhante civilização cujo ápice, nunca antes alcançado, ocorreu nos séculos XII e XIII.

Nessa época, segundo diz o Papa Leão XIII, “a filosofia do Evangelho governava os Estados”. Então, “a influência da sabedoria cristã e a sua virtude divina penetravam as leis, as instituições, os costumes dos povos, todas as categorias e todas as relações da sociedade civil”. Da relação harmoniosa entre o poder religioso e o temporal, “a sociedade civil deu frutos superiores a toda a expectativa, cuja memória subsiste e subsistirá, consignada como está em inúmeros documentos que artifício algum dos adversários poderá corromper ou obscurecer”⁵¹.

Foi nesse tempo que a Igreja desenvolveu a escolástica, edificou as catedrais góticas (com seus vitrais e monumentos), criou as universidades e os hospitais, impulsionou as ciências e o progresso técnico, aperfeiçoou as relações internacionais entre os estados, aboliu a escravidão, fez avançar o progresso social, elevou a condição da mulher, de tal modo que, no século XIV, a Europa havia ultrapassado de muito todos os outros continentes.

Conforme ressalta um estudioso do progresso técnico medieval, naquela época, “pela primeira vez na história se construiu uma civilização complexa que não mais se sustentava nas costas suarentas de escravos ou de servos, mas principalmente na energia não humana”⁵².

Quanto mais avançam os estudos históricos e científicos sobre esta matéria, tanto mais vai ficando demonstrada esta verdade, jogando por terra o mito de que a Idade Média foi uma era de atraso e de opressão. A literatura especializada a tal respeito vai se multiplicando⁵³.

48 MINUCIUS FELIX, *Octavius*, c. 9; LECLERCQ, Henri, P. Verbete: “Accusation Contre les Chrétiens”, in *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*. V. 1, 1^e partie. Paris: Letouzey et Ané, 1924. Cols. 274, 275.

49 JUSTINUS, *op.cit.*, c. 27.

50 ARNOBIUS, *op. cit.*, l. 2., n. 70.

51 LEÃO XIII. Encíclica *Immortale Dei*. 1/11/1885, n. 28.

52 WHITE, Lynn. *Medieval Religion and Technology*. Berkeley and Los Angeles: University of Los Angeles Press, 1978, p. 22.

53 Ver, p.exe., WOODS, Thomas E. *How The Catholic Church Built Western Civilization*. Washington, DC: Regnery, 2005; STARK, Rodney. *The Victory of Reason. How Christianity Led to Freedom, Capitalism, and Western Sciences*. New York: Random House, 2005; PERNOUD, Régine. *Pour en finir avec le Moyen Âge*. Paris: Seuil, 1977; SWEENEY, Jon M. *Beauty Awakening Belief*. London: Society for

Por que acusar só a Igreja?

Entretanto, sempre houve minorias inconformes com o domínio da virtude, da verdade e do bem, de modo que, periodicamente, a Igreja se vê vítima de novas investidas.

Um dos procedimentos preferidos continua a ser o de acusar a Igreja precisamente dos delitos que o próprio mundo não se envergonha de cometer. Quais são os maiores destruidores da inocência infantil hoje em dia? Quem promove uma pornografia irrefreável, que não respeita nem idade, nem dignidade, e que incita a todo tipo de crime sexual? Quais os que, de todos os modos, pressionam as escolas para iniciarem as crianças em práticas imorais? Quem impulsiona as mudanças das leis de maneira a abolir a influência cristã e a substituí-la pela do velho paganismo? Eis questões que pedem respostas; eis um tema muito apropriado para um futuro estudo.

Consideremos a acusação de pedofilia. Como afirmam os especialistas, baseados nas pesquisas até agora realizadas, a maior parte desses crimes são cometidos especialmente na própria casa da família, e os abusadores são principalmente os padrastos, seguidos — ó tristeza! — pelos pais, por outros parentes e pelos namorados das parentas das vítimas⁵⁴. Curiosamente, nunca se

Promoting Christian Knowledge, 2009; JAKI, Stanley L. *Patterns or Principles and Other Essays*. Wilmington: Intercollegiate Studies Institute, 1995; JONES, Terry. *Medieval Lives*. London: BBC Books, 2004; GRANT, Edward. *God and Reason in The Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001; LINDBERG, David C. (editor). *Science in the Middle Ages*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

54 A literatura a esse respeito é abundante. Ver, por ex., CARROLL, Janell L.; WOLPE, Paul Root. *Sexuality and Gender in Society*. New York: HarperCollins College Publishers, 1996: “Com efeito, ter um padrasto é um dos mais potentes prognósticos de abuso sexual” (p. 553). FINKELHOR, David. “Child Sexual Abuse”, in ROSENBERG, Mark L.; FENLEY, Mary Ann (editors). *Violence in America. A Public Health Approach*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1991: “Diversos fatores têm se revelado consistentemente associados com um maior risco de abuso: (1) quando a criança vive sem um dos parentes biológicos, (2) quando a mãe não está sempre ao alcance da criança, em virtude de emprego fora de casa, ou por causa de invalidez ou doença, (3) quando a criança relata que o casamento de seus pais é infeliz ou marcado por conflito, (4) quando a criança informa que tem um relacionamento pobre com seus pais ou é sujeita a castigos ou abuso infantil, (5) quando a criança diz ter um padrasto” (p. 85). Segundo vários estudos, as meninas que vivem com padrasto compõem o grupo de mais alto risco. Por tal razão, Finkelhor, uma conceituada autoridade nesta matéria, pensa que as famílias nas quais há padrasto deveriam ser foco de políticas para prevenir abusos (FINKELHOR, David; and associates. *A Sourcebook on Child Sexual Abuse*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1986, p. 77-79). No mesmo sentido, a Rádio Vaticano, na edição de 5/4/2010 do *Radiogiornale*, expressando estranheza pela campanha paradoxal contra a Igreja, lembra que, segundo os dados oficiais, os principais culpados do abuso sexual de crianças não são padres. É o que demonstra um relatório do governo americano, de 2008, segundo o qual “mais de 64% dos abusos são perpetrados por pais, parentes ou outras pessoas que vivem na mesma casa, portanto, no âmbito das relações familiares. Nas escolas do país, quase 10% dos jovens sofrem abusos. No que toca aos sacerdotes católicos envolvidos, estima-se que sejam menos de 0,03%”. Estudos recentes realizados em outros países indicam que os dados referentes aos Estados Unidos se repetem, com ligeiras variações, em todo o Ocidente. Uma estatística publicada no “Portal da Criança”, da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Humano (SEDH/PB) do Estado da Paraíba, mostra que 90% dos casos de pedofilia ocorrem dentro de casa, sendo que as maiores incidências ocorrem na seguinte ordem: pai, padrasto, irmão, tio, avós, padrinhos e vizinhos (<http://crianca.pb.gov.br/contador/?p=479>). A revista *Veja* (18/3/2010, p. 112) informa que, na classe média brasileira, em 37% dos casos de pedofilia, o abusador é o padrasto, e em 34% é o próprio pai. Além disso, nas classes C e D, 74% das vítimas são filhos de pais separados.

viu algum adversário da Igreja pedir um estudo sério sobre a relação entre a desagregação da família, causa principal da existência de milhões de padrastos, e os crimes de pedofilia, nem exigir uma investigação sobre os perigos de se levar, para dentro de casa, namorados, quando ali residem menores.

Apenas de passagem, note-se que a massa dos pedófilos é constituída por homens casados. Também é de notar que todas as religiões têm membros seus envolvidos em casos de pedofilia, e algumas em proporções gigantescas.

Por que, então, levantar uma campanha internacional somente contra a Igreja Católica?

Prova inequívoca da santidade da Igreja

Ressaltemos mais uma vez: foi a Igreja Católica que, sempre fiel aos ensinamentos de seu Fundador, fez cessar no Ocidente a prática da pedofilia e inspirou horror a ela.

Portanto, quem ataca a Igreja a esse propósito está utilizando, contra ela, um valor a ela pertencente, e está implicitamente reconhecendo que ela é inatacável a partir dos contravalores do mundo.

Ou seja, os próprios adversários estão fornecendo a prova de que a Igreja Católica Apostólica Romana é substancialmente santa.

A Igreja Católica censura o mundo, porque este é corrompido. Ela requer um alto padrão de comportamento, casto e puro. E a feroz e cerrada investida dos inimigos injustamente consiste em procurar acusá-la de não praticar a moral que ela mesma implantou na sociedade. A isto se reduz a atual campanha publicitária, no tocante à pedofilia.

Mas como fazer para atingir a Igreja pelas faltas de uma minoria de seus membros? Um dos estudos mais autorizados sobre o problema da pedofilia, de Philip Jenkins, analisa as técnicas jornalísticas usadas para enfatizar, não os delitos de indivíduos que por acaso são padres, mas o contexto institucional como dando origem ao comportamento deles⁵⁵. Utilizam-se títulos sugestivos, jogos de palavras, termos bem estudados, como, por exemplo, dar a um livro o chamativo nome de: “E não nos deixeis cair em tentação”. Por sua vez, programas de televisão sobre os casos de pedofilia colocam, como fundo de quadro, cerimônias litúrgicas, música gregoriana, sacerdotes de batina, de modo a ficar estigmatizada a Igreja como um todo e a se fazer uma associação visual entre aquilo que é distintamente católico com o estereótipo de padres lascivos e cínicos⁵⁶.

Ora, médicos, professores, enfermeiros e outros profissionais aparecem em alto número entre os perpetradores de crimes de pedofilia⁵⁷, mas quem vai chegar ao absurdo de acusar todos os membros dessas categorias e a denegrir uma classe inteira pelos crimes de uma minoria?

No entanto, assim se procede no caso dos sacerdotes católicos. O choque que o delito sexual de um padre causa na opinião pública — choque justificado, porque a Igreja Católica é a única insti-

55 JENKINS, Philip. *Pedophiles and Priests: Anatomy of a Contemporary Crisis*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1996, p. 55.

56 *Ibid.*, p. 56.

57 *Ibid.*, p. 126-128.

tuição da qual se espera que seus membros sejam de uma pureza sem mancha, bem como que seus sacerdotes sejam santos — os adversários sabem explorar.

A santidade substancial da Igreja

Resta perguntar como pode a Igreja manter-se santa ante as evidências de que alguns padres cometem esses graves delitos.

Na realidade, o argumento mais forte contra a Igreja Católica sempre foi a vida dos maus católicos. Contudo, não nos pode surpreender que na Igreja de Cristo haja membros indignos. O próprio Jesus comparou sua Igreja à rede que apanha maus e bons peixes (cf Mt 13, 47-50); ao campo onde o joio cresce entre o trigo (cf Mt 13, 24-30); à festa de casamento, para a qual um dos convivas se apresenta sem a veste nupcial (cf Mt 22, 11-14)⁵⁸.

Não obstante, a Igreja será sempre sem mancha, como ressalta São Paulo: “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para santificá-la, purificando-a pela água do batismo com a palavra, para apresentá-la a si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5, 25-27).

Não acontece o mesmo com as outras instituições terrenas. Sendo meramente humanas, as falhas de seus integrantes podem desdourá-las. A Igreja é a única que tem uma dimensão divina. Por isso, apesar das faltas de sua dimensão humana, sua substância permanece sempre pura. Ela é santa, porque santo é seu Fundador: é a imaculada Esposa de Cristo. Só os homens da Igreja são pecadores, mas a Santa Madre Igreja não pode pecar.

Ela “é santa”, ressalta Paulo VI, “não obstante compreender no seu seio pecadores, porque ela não possui em si outra vida senão a da graça: é vivendo da sua vida que os seus membros se santificam; e é subtraindo-se à sua vida que eles caem em pecado e nas desordens que impedem a irradiação da sua santidade”⁵⁹. Portanto, para qualquer membro da Igreja, incluindo os pertencentes ao clero, aplica-se esta regra: eles somente caem quando diminuem seu amor à Igreja e relaxam em seu compromisso para com ela.

“Nessa perspectiva”, diz-nos o Cardeal Biffi, Arcebispo emérito de Bologna, “torna-se claro que toda nossa culpa — pequena ou grande — não constitui apenas infidelidade ao amor que nos liga ao Pai, menoscabo pela obra redentora de Cristo, resistência à ação santificante do Espírito Santo; é ademais ultraje e sofrimento infligidos à Igreja. Toda incoerência com nosso batismo é sempre ingratidão para com aquela que, no batismo, nos gerou, é atentado contra sua beleza de Esposa do Senhor; beleza que, aos olhos humanos, fica ofuscada por nosso ato reprovável. [...] Mas nós, pelo menos, embora pequemos quase como eles, habituamo-nos a pedir perdão diariamente a essa nossa Mãe caríssima por tudo o que nos ocorre de pensar, dizer e fazer com ânimo não integralmente ‘eclesial’”⁶⁰.

Os pecadores não pertencem à Igreja por seus pecados, diz o Cardeal Journet, “mas por aqui-

58 TRESE, Leo J. *A fé explicada*. São Paulo: Quadrante, 2007. p. 147-148.

59 PAULO VI. *Sollemnis Professio Fidei*, 19: AAS 60 (1968) 440.

60 BIFFI, Cardinale Giacomo. *Meditazione Gesù di Nazareth, la fortuna di appartenergli*. Giubileo Diocesano dei Catechisti, Cattedrale di San Pietro, Bologna, 29/10/2000.

lo que ainda há neles de dons de Deus, pelos caracteres sacramentais, a fé, a esperança teologal, suas orações, seus remorsos. Eles estão como que vinculados aos justos. Encontram-se na Igreja provisoriamente para serem um dia, ou definitivamente reintegrados, ou separados dela. Estão na Igreja não de uma maneira salvífica, mas como paralisados naquilo que diz respeito às suas atividades mais altas e decisivas”⁶¹.

Claro está que a Igreja “não expele os pecadores de seu próprio seio, mas só seu pecado; continua a mantê-los em si na esperança de poder convertê-los. Luta neles contra o pecado que cometeram”⁶².

Ressaltando a santidade da Igreja, que não se mancha nunca pelos pecados de seus filhos, o Cardeal Journet chama a atenção para sua íntima relação com cada uma das três Pessoas da Santíssima Trindade: desde toda eternidade, a Igreja Católica é conhecida e querida pelo Pai. É fundada por seu Filho, que veio para nos remir pela cruz. E é vivificada pelo Espírito Santo, que veio para estabelecer, nela, sua morada. “A Igreja inteira aparece, assim, como o povo reunido à imagem da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, *de unitate Patris et Filii et Spiritus Sancti plebs adunata*”⁶³.

A relação da Mãe de Deus com a Santa Igreja é outro fator de santidade. O conhecimento da verdadeira doutrina sobre Maria será sempre uma chave para compreender o mistério de Cristo e o da Igreja. A santidade de Nossa Senhora se reflete na Igreja, sua virgindade, sua pureza, sua disponibilidade em relação à vontade de Deus. Também os anjos do céu e os bem-aventurados conservam a Igreja na santidade, enobrecendo o culto que ela presta a Deus⁶⁴.

Todas as obras da Igreja têm por finalidade a santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus⁶⁵. Entretanto, ela não poderia realizar essa finalidade se não fosse santa. Assim, mesmo que nesta terra seja governada e composta por pecadores, ela é indefectivelmente santa, conforme provam os frutos abundantes de santificação que tem produzido⁶⁶. Um possante sinal dessa santidade é a observância voluntária dos conselhos evangélicos, pelo qual centenas de milhares de homens e mulheres renunciam a tudo o que poderiam ter de legítimo nesta vida — família, posses, liberdade de decidir o que fazer — para imitar totalmente a Cristo Jesus⁶⁷.

A Igreja tem a coragem de exigir de todos os seus filhos o combate contra o pecado. Muitas almas dizem “sim” a esse apelo, porém, em geral, o bem que praticam fica escondido. O mal, neste mundo, conta com uma publicidade bastante maior, pois sua petulância solicita a atenção de todos. Seja como for, homens e mulheres de extraordinária santidade nunca faltaram à Igreja⁶⁸, e é como instrumento de santificação que ela passa por uma contínua renovação⁶⁹.

61 JOURNET, Charles. *Il mistero della Chiesa secondo il Concilio Vaticano II*. Brescia: Queriniana, 1967, p. 84-85.

62 *Ibid.*, p. 85.

63 *Ibid.*, p. 31. Ver tb. CONCILIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n.4.

64 JOURNET, *op. cit.*, p. 91-95.

65 CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrossantum Concilium*, n. 10.

66 ARANGÜENA, José Ramón Pérez. *A Igreja. Iniciação à eclesiologia*. Lisboa: Diel, 2002. p. 110.

67 JOURNET, *op. cit.*, p. 89.

68 KEMPF, Constantino. *A santidade da Igreja no século XIX*. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso & Cia., 1936. p. 11-12.

69 CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*, n. 15.

Constitui, pois, um grande equívoco propor modificações na estrutura eclesial. “Quando o valor do compromisso sacerdotal é questionado como entrega total a Deus através do celibato apostólico e como disponibilidade total para servir às almas”, assinalava Bento XVI em sua vinda ao Brasil, “dando-se preferência às questões ideológicas e políticas, inclusive partidárias, a estrutura da consagração total a Deus começa a perder o seu significado mais profundo. Como não sentir tristeza em nossa alma?”⁷⁰

Um pastor solícito para com seu rebanho

Alguns jornais têm tentado implicar o Papa Bento XVI na ocultação de crimes, no tempo em que ele era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e certas vozes estridentes chegam ao ponto de propor sua prisão.

A nosso ver, esse é o maior erro do adversário na atual campanha contra a Igreja. Sua insolência é o que mais tem causado geral indignação, contribuindo até mesmo para despertar e afervorar os católicos adormecidos.

A injustiça dos acusadores ainda se mostra mais flagrante quando, indo-se aos fatos, constata-se que foi Bento XVI, já quando era Cardeal, quem mais agiu para erradicar o problema, zelo esse que se acentuou ao ocupar a Cátedra de Pedro.

É emblemática a Carta Pastoral que, pouco antes da Páscoa, ele enviou aos católicos irlandeses, para ser lida em todos os púlpitos do país. Num gesto sem precedentes, o Santo Padre pedia perdão diretamente às vítimas e às suas famílias, expressando sua profunda desolação pelos “atos pecaminosos e criminosos” dos abusadores. Dirigindo-se aos bispos, ressaltava os “graves erros de juízo” e a “falta de governo” por parte da Hierarquia. Por fim, sublinhava que a Igreja se pôs a trabalhar com afinco para corrigir e remediar o mal que foi feito.

Ressalte-se igualmente que, em maio de 2001, o então Cardeal Ratzinger enviou uma carta aos bispos, ordenando que lhe encaminhassem todas as acusações, contra clérigos, fossem velhas ou novas. Com essa iniciativa, a Santa Sé chamava a si a investigação dos abusos e a punição dos culpados. A partir daí, vários acusados tiveram de enfrentar um processo canônico completo, muitos foram demitidos do estado clerical, ou então demitiram-se voluntariamente, enquanto outros sofreram punições administrativas e disciplinares, incluindo a proibição de celebrar missa.

Contrariamente ao que certas fontes têm propalado, a referida carta não proibia a ninguém de comunicar-se com a polícia para denunciar eventuais abusos. Na verdade, os Bispos pelo mundo afora — como nos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá — já vinham adotando o procedimento de comunicar-se com as autoridades policiais, tão logo houvesse a confirmação de algum caso.

De outro lado, o Vaticano tem editado normas que tornam rigorosa a seleção dos candidatos ao seminário. Ademais, vem levando a cabo iniciativas como o Ano Sacerdotal, ainda em curso, e o Congresso Teológico Internacional, realizado em Roma no último mês de março, visando à renovação do clero e à remoção de conceitos errôneos sobre o sacerdócio, causados por uma “hermenêutica da descontinuidade e da ruptura”⁷¹ em face do Concílio Vaticano II.

70 BENTO XVI. *Discurso. Encontro com os Bispos do Brasil*, Catedral da Sé, São Paulo, 11/5/2007.

71 BENTO XVI, *Discurso à Cúria Romana*, 22/12/2005.

Esperamos que essas brisas de renovação tragam um pouco de consolo para as vítimas dos horríveis delitos cometidos por homens que, como representantes de Deus, deveriam ser os primeiros protetores das crianças e dos jovens. Delas nos condoemos e compartilhamos seus sofrimentos e suas desilusões, oferecendo por eles nossas orações. Aliás, a tragédia que os envolveu nos leva, uma vez mais, a recordar com dor aquelas incontáveis crianças que, na Antiguidade, foram vítimas do cruel paganismo.

De cada perseguição, a Igreja sai fortalecida

Haja o que houver, contemplando a sua própria história, a Igreja Católica pode dizer com Cícero: “*Alios vidi ventos, alias prospexi animo procellas*”⁷².

Como das investidas anteriores, ela sairá ainda mais forte da atual refrega. Incontáveis reações pelo mundo afora já antecipam tal desfecho. Na Irlanda e na Espanha, as igrejas se encheram, durante a Semana Santa, como há muitos anos não ocorria. Nos Estados Unidos, na Inglaterra e em outros países do Ocidente, o número de conversões aumentou. Vários jornalistas, muitos dos quais não católicos, tomaram a defesa da Igreja. Será preciso lembrar que as perseguições são indispensáveis para o alcandoramento da Esposa de Cristo? E também para a sua renovação? Com efeito diz São Paulo: “*Nam oportet et hereses esse ut et qui probati sunt manifesti fiant in vobis*” (“É necessário que entre vós haja heresias para que possam manifestar-se os que são realmente virtuosos”. 1 Cor 11,19).

Para destacar a perenidade da Igreja Católica Apostólica Romana, Santo Agostinho nos deixou esta sábia reflexão: “A Igreja vacilará, se vacilar seu fundamento. Mas pode Cristo vacilar? Visto que Cristo não vacila, a Igreja permanecerá intacta até o fim dos tempos”⁷³.

Lembre-mos de que “Deus é o Senhor do mundo e da história”⁷⁴. Foi Ele mesmo quem decretou que “as portas do Inferno” não prevaleceriam contra a sua Igreja (Mt 16,18).

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, é Cônego Honorário da Basílica Papal de Santa Maria Maior, de Roma, Protonotário Apostólico Supranumerário, Doutor em Direito Canônico pelo Angelicum, Mestre em Psicologia da Educação pela Universidade Católica da Colômbia, Doutor *Honoris Causa* pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro, Membro da Sociedade Internacional São Tomás de Aquino (SITA) e da Pontifícia Academia da Imaculada, Fundador e Superior Geral de três entidades de Direito Pontifício: Associação Internacional de Fiéis Arautos do Evangelho, Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli e Sociedade de Vida Apostólica Regina Virginum.

72 “Vi outros ventos e enfrentei sem temor outras tempestades” (*In L. Calpurnium Pisonem, oratio*, 9).

73 *Enarrationes in Psalmos*, 103,2,5; PL, 37, 1353.

74 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 314.